

# Como podemos resistir ao mal?

+ Jubal Neves, bispo anglicano de Santa Maria

## *A confrontação com o mal*

Cada ser humano é um filho de Deus. Esta expressão tem sido utilizada por nós sem que pensemos muito a respeito do seu significado. Serve simplesmente para indicar a nossa relação com Deus e com nosso próximo. Somos uma só família, sem exceção. Quando olhamos ao redor, descobrimos que isso não é uma realidade palpável, concreta, pois há muita fragmentação. Há o mal. Há o pecado. E uma vida cristã precisa levar em conta essa realidade do caos social e da fragmentação humana. O que dizer do nosso pecado, das nossas divisões, da nossa aptidão para o mal? Pode ser desconfortável, mas devemos encarar o mal não como algo alhures, mas ao nosso lado.

Para a maioria de nós, o mal é uma palavra que indica uma frustração séria e significativa. Mas temos que ir adiante desse aspecto pessoal e relacional com nossos irmãos e irmãs. Porque é que as pessoas freqüentemente lamentam e protestam sobre eventos que se repetem e são inevitáveis? Aquela mordida de cobra, ou aquela erupção vulcânica, aquela infecção viral? Por que a morte levou nosso bebê? Porque esses fenômenos são considerados instâncias do mal? As pessoas parecem protestar, consciente ou inconscientemente, pensando que há alguém responsável por isso. Em certos casos, “esse alguém” pode realmente ser um ser humano ou um grupo de pessoas. Alguns desastres que chamamos naturais, tais como inundações ou epidemias, são tantas vezes de fato provocados por atividade ou negligência humana. Entretanto, quando as pessoas lamentam ou protestam sobre a natureza em si, o único agente que lhe ocorre é Deus. Deus como estando por detrás de tudo, sendo responsável ou conivente pela ordem natural das coisas. E protestamos pela morte de uma criança, a dor de animais, a destruição causada por um terremoto.

## *A realidade do pecado e do mal*

É bom ser escolhido, estar sob a proteção de Deus, buscar viver em paz conosco mesmos, com nosso próximo, e com o mundo. Mas olhando a história verificamos que repetimos as falhas do povo escolhido cf. nos testemunha o Antigo Testamento. Ainda que aceitemos o fato de que Deus nos ama, nos escolhe, as coisas seguem erradas. Parece que o mundo não melhorou tanto assim depois de Cristo. O pecado e o sofrimento ainda escurecem o cenário da história humana. Por que isso? Por que em nossa própria experiência parece que não estamos livres dos poderes das trevas? Nós ainda sofremos, ainda pecamos, e no fim ainda morremos. A raiz do problema da fé se encontra no problema do mal. Aceitar Deus como Deus é vê-Lo não apenas como “lá”, mas como um no qual a bondade e a vida são afirmadas em todas as coisas da Sua criação. E o nosso povo tem muitas dificuldades ao se confrontar com essa realidade. O pecado parece ser um mistério mesmo para Deus. Ele diz ao seu povo (Jeremias 27.13<sup>a</sup>): “Por que você e seu povo morrem...?” É certamente um mistério para nós, mas não há dúvida quanto a sua realidade, presente na experiência humana. Nossa Confissão (Livro de Oração Comum, p.28) diz: “...Deixamos de fazer o que devíamos ter feito. E temos feito o que não devíamos fazer...”. Não há resposta dos filósofos para o problema do mal, mas encontramos na teologia um indício quando examinamos o mistério da liberdade humana. Há uma estreita relação entre a liberdade humana e a possibilidade do pecado, entre o conhecimento do bem e do mal e a realização do egoísmo. Contudo, a questão permanece: como o mal e o pecado vivem juntos num mundo feito e governado por Deus? Por que nós, que somos os escolhidos de Deus, batizados na nova vida de Cristo, vivendo no Espírito, continuamos a atrair o que de melhor há em nós? Nós continuamos a pecar. (1)

## *A Igreja*

Não custa recordar e sublinhar que, o Cristianismo (a Fé Cristã) não é uma filosofia de vida. É o Evangelho de Deus, a proclamação das boas novas do que Deus tem feito por nós em Jesus Cristo. Conta-nos do que Deus fez e segue fazendo a respeito do pecado. A crueldade e o mal no mundo continuamente desafiam e testam essa fé. E a Igreja, alicerçada no tripé Palavra / Sacramentos / Oração, nos ajuda e acompanha nessa peregrinação através da confissão sacramental, a absolvição, a reconciliação dos penitentes e fiéis. Não que as dúvidas desapareçam, mas estas se tornam sintoma de uma fé genuína. Mesmo apanhados pelo problema do mal, e apelando a Deus, Ele requer de nós um ato de fé (*ver Salmo 37.5*). A Bíblia (*Gênesis 2-3*) nos mostra que nós, criaturas humanas, feitas para uma vida de plena comunhão com o Criador, escolhemos o mal. O Livro do Gênesis nos traz uma história (*capítulo 3*) que apresenta essa realidade, não numa narrativa literal de como aconteceu. A história de Adão e Eva representa a escolha que confronta todos os seres humanos, e a desobediência a Deus em que todos caímos (“a queda”). Entretanto, quando repetimos a desobediência de Adão e Eva, o fazemos num contexto no qual o pecado já é endêmico e onde a inocência já desapareceu. Em Gênesis, temos o relato das criaturas sem o contexto e a consciência da história que nós temos, que poderiam ter escolhido somente o bem, mas de fato, ainda que inocentes, escolheram o mal. Este mistério da primeira escolha pertence ao insolúvel mistério do mal em si, mas foi uma escolha real, da liberdade da criatura (*o livre arbítrio*).

Nós não o atribuímos a algo da natureza da criação de Deus.(2) Um dicionário da fé cristã oferecido à Igreja Anglicana diz que “mal é o nome que damos ao que é moralmente repreensível. É o oposto absoluto do bem. A palavra é aplicada a pessoas, não a coisas, quando utilizamos ruim, errado, mau, e que sempre pode ser consertado. Aqui se trata de perversidade, maldade”. Como consta em Efésios 6.12, que fala do mal como “força espiritual”. E na oração do “Pai Nosso”, que Cristo nos ensinou, rezamos “...Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal...”.

*O mal, que problema! Que diabo!*

A palavra deriva-se do latim *diabolus*, do grego *diabolos*, uma tradução direta do hebreu *satan* (adversário, oponente, alguém que impede, que dificulta). Na linguagem bíblica é chamado algumas vezes de *Lúcifer* (Isa 14.12-15). Os deuses pagãos são chamados por alguns teólogos de demônios, subordinados ao mal (Satanás). Corremos o risco de sermos literalistas (fundamentalistas) ao utilizarmos hoje a linguagem utilizada pelas narrativas bíblicas, com a roupagem, da sua cultura e do seu tempo. A liberdade para pecar marca a distinção entre a humanidade e Deus, mas não pode destruir o clamor de Deus por seus filhos criados à sua imagem e semelhança. Não há lugar numa boa teologia para o *dualismo* cf. Platão, onde haveria dois mundos, dois poderes em oposição, um tão poderoso quanto o outro, duas realidades: o bem e o mal, a luz e as trevas. Isso gerou o *maniqueísmo*, fundado por *Manes*, que viveu na Pérsia (215-275AD). Seus seguidores (*maniqueus*) afirmavam que a matéria se ligava ao mal, e o espírito ao bem. A palavra *Satanás* significa “adversário”. Na concepção do AT, *Satan* tem por função identificar as pessoas más e acusá-las perante Deus (Jó 1). No NT seu caráter degenerou e ele torna-se senhor e líder dos espíritos maus que se opõem a Deus e oprimem a humanidade. No evangelho de João (14.16, 26; 15.26; 16.7) ele retém o papel de acusador, e o Espírito Santo o de conselheiro, advogado, confortador, fortalecedor (Paráclito). Até o Iluminismo (séc. 18, “a Idade da Razão”) acreditou-se no Mal como uma pessoa objetiva, entre a maioria dos teólogos. Hoje, entretanto, reconhecemos que a crença em Satanás como líder dos anjos caídos, etc, não se constitui numa resposta satisfatória ao problema do mal. Pois fica a pergunta a respeito de como ele entrou no mundo, se tudo é criação de Deus (“*que viu que tudo era bom*”, cf. Gn). Como uma maneira ilustrada de representar a existência de forças super-humanas do mal no universo, Satanás e suas hostes chamam nossa atenção para uma pergunta muito importante na teologia, cf. diz o anglicano Alan Richardson.(4)

Santo Agostinho (354-430AD) diz claramente que o mal no mundo é resultado da liberdade humana. Deus criou o homem livre, que, por escolha, pecou. Com isso surgiu o mal moral, e o mal físico e metafísico é apenas castigo de Deus. Esta interpretação está muito próxima da intuição bíblica. Agostinho também fala do mal como ausência do bem. E isso nos lembra de Rm 12.21: “*não deixem o mal vencer vocês, mas vençam o mal com o bem*”. E chegamos ao problema do mal levantado na cláusula de abertura do Credo Apostólico que diz: “*Creio em Deus Pai Todo-poderoso...*”. Se Deus nos ama e é também onipotente, por que permite o sofrimento e outras formas do mal no mundo? Este é um problema para nós que acreditamos num Deus pessoal (cristãos, judeus e maometanos). Para os demais, não há problema... Tornamos a lembrar que os filósofos (Teodicéia) têm buscado encontrar solução, especialmente através das noções do “*mal como não-ser*” (Neoplatonismo, Hegel), “*dualismo*” (Zoroastrismo, filosofias pluralistas), “*despotismo*”(Predestinação).

O problema do mal não é explicado pela narrativa de Gênesis 3, que apenas aponta sucintamente o perfil do homem como uma criatura caída. O problema do mal é o problema da existência do ser humano, e é nesse aspecto que isso exige de nós uma explanação racional (nós somos seres racionais!). Entretanto, somente a vida e a fé cristã são capazes de encontrar uma solução: o fato de que o Deus que criou o mundo é também o Deus que o redimiu; o Criador é o mesmo que em Cristo suporta todo o pecado da criação e sofre para trazer a redenção. E somente o cristão pode perceber que Cristo explicou o mal no ato de derrotá-lo. Em resumo, na teologia bíblica, a solução cristã do problema do mal vem unicamente do mistério da redenção pela cruz, necessário complemento do mistério do pecado original. São Paulo se preocupa muito com essa questão, ligando-a ao sofrimento ao pecado, à desarmonia, à fragmentação, encontrando a solução em Cristo redentor, crucificado e ressuscitado. Mediante a Graça de Cristo, Deus tira o pecado do mundo, embora nos deixando na luta e no sofrimento, na expectativa da plenitude do Reino. (II Co 5.19).

*Qual é a solução?*

Já vimos que a solução dualista não é uma solução satisfatória para uma boa teologia. Apenas torna a afirmar o dilema numa nova forma. A maior parte da tradição cristã sempre tomou um rumo no pensamento teológico que deu muito peso ao mal, ficando Deus responsável pelo sua existência. Não que Deus tenha errado, mas escolheu chamar suas criaturas à responsabilidade de resposta (livre arbítrio). E isso nos ajudaria a ver que a realidade do mal pode ser consistente com o poder e a bondade de Deus, pois sugere que o mal *pode* ser uma condição necessária para o cumprimento do propósito misericordioso de Deus. Mas preferimos um outro tipo de solução teológica para o problema do mal: as boas-novas de Jesus Cristo, seu ministério, cruz e ressurreição.

Em seu ministério Jesus nos ensina que o mal é para ser vencido. E que Deus está conosco neste enfrentamento. O tema do ministério de Jesus é o “Reino de Deus”. Vemos isso nos três *evangelhos sinóticos*, - em Mc 1.14s., Lc 4.43, Mt 4.17 , - onde a linguagem diferente não significa diferença de pensamento. Mas que quer dizer “Reino”? A gente em português, pensa numa extensão de terra, mas em grego há um outro significado: o exercício do reinado, isto é, “soberania” ou “senhorio”. O Reino é

algo que um indivíduo pode se apropriar por convicção ou pelo seu caráter (Mc 12.34). Não depende da nossa capacidade ou merecimento. É como a grande festa (Mt 22.10, 8.11; Mc 6.35-44. 8.1-9) em que *todos* foram convidados. A Soberania de Deus significa uma festa comum da humanidade sob a infinita misericórdia de Deus. Ela vai influenciar as relações humanas, envolve alteração do padrão social dos relacionamentos (Lc 16.35; Mc 10.23-26). O Reino traz consigo a transformação da sociedade assim como das pessoas. É um evento cósmico, dimensão social do Reino de Deus, muito claro nos escritores do NT quando relatam o ensino de Jesus. Fica claro que o mundo necessita ser curado, reconciliado, redimido (II Tes 2.2). Os milagres de Jesus são sinais da presença e poder de Deus, proporcionando ocasiões de discernimento, para que a chegada do Reino fosse percebida: *o Reino de Deus está próximo!*

O envolvimento de uma transformação da existência e valores humanos nos leva à necessidade de arrependimento, que considera a mudança (*metanoia*) de mente e de padrões de vida. Para Jesus, o arrependimento é como que aceitar um convite para uma festa, repetimos. Em resumo, vemos Jesus não como o portador de uma palavra, mas de uma realidade. Ele proclamou que Deus estava agindo para derrotar o mal e criar uma nova relação com seu povo. O seu ministério buscou mostrar isso, sendo as primícias dessa nova realidade. Isso traz fé e esperança, esclarecendo a natureza do problema a respeito do mal e de Deus. Mostrou que os seres humanos podem não conhecer ou desejar o bem quando o encontram. Sugere que o caminho da fé em Deus deve envolver necessariamente mudança de mente, mudança de vida, porque o poder do mal tem sua base não nas coisas, mas nas pessoas. O problema do mal é um problema que se relaciona direto a nós mesmos que dizemos que queremos o bem, mas que nem sempre o reconhecemos, amamos ou fazemos (Rm 7.19).

*Como nos defender do mal?*

O autor da carta aos Efésios (6.11) nos ensina: *“vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do diabo”*. Que armadura é essa?

- **O cinto da verdade (v.14):** a doutrina e a verdade cristãs em nosso ser-falaragir. A leitura orante da Bíblia, a participação regular nos sacramentos, a leitura de bons livros cristãos para a nossa formação...
- **A couraça da justiça (v.14):** diz a Carta de Tiago 4.7-8 que se resistirmos ao diabo, ele fugirá de nós, se nos aproximarmos de Deus, Ele se aproximará de nós (I Pe 3.11). E se por acaso cairmos, é preciso levantar e prosseguir!
- **O calçar os pés com a prontidão do evangelho da paz (v.15):** estar pronto a falar do evangelho “a tempo e fora de tempo”, com ousadia e intrepidez. “Não deixar o cavalo passar encilhado” ...
- **O escudo da fé (v. 16):** a fé é o oposto do cinismo, é a coragem para o enfrentamento do mal, sabendo que o Senhor está conosco (Jo 20.21s).
- **O capacete da salvação(v.17):** cf. escreveu o bispo anglicano Westcott, famoso erudito bíblico, “a salvação tem três etapas: fomos salvos da punição pelo pecado, somos salvos do poder do pecado e seremos salvos da presença do pecado”. Tendo isso em mente, saber dar razão da nossa fé (Hb 12.1).
- **A espada do Espírito que é a palavra de Deus (v.17):** Jesus utilizou as Escrituras sempre que enfrentou as tentações (Lc 4.1-13). Como é bom termos versículos bíblicos para utilizar como “*mantras*” em orações silenciosas...

**Ora et Labora!**

Somos enviados (Jo 20.21, Mt 28) para orar e agir. Oração e ação andam de mãos dadas (cf. nosso modelo Jesus). Não cremos que haja dois poderes iguais e opostos, Deus e Satanás. Não é isso que a Bíblia nos mostra. Deus é Criador do universo, Satanás (símbolo do mal) é parte decaída dessa criação, um inimigo vencido (Ap 12.12), mas que temos ainda que enfrentar. Como escreveu Dietrich Bonhoeffer, um teólogo luterano da década de 1940, “a fera está amarrada, mas esperneia, fazendo alguns estragos”. Até que o Senhor volte! E isso não sabemos onde, quando e como. E nem nos interessa.

(1) “Living in the Spirit”, Rachel Hosmer e Alan Jones, Seabury Press, 1979, pp.140-148; Understanding the Faith of the Church, Richard Norris, Seabury Press, 1983, pp.107-124.

(2) “The Mystery of Salvation”, Church House Publishing, um relatório da Comissão de Doutrina da Igreja da Inglaterra, 1995, pp. 49-57.

(3) “More than Words”, William Sydnor, Harper& Row, Publishers, 1990.

(4) “A New Dictionary of Christian Theology”, Alan Richardson, SCM Press, 1999, pp. 521-522.

“Questões de Vida”, Nicky Gumbel, Editora Encontro Publicações, 2003, pp. 154-157.